

# DISCURSO, MÍDIA E PODER NA REDE: DIÁLOGO À LUZ DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Alan Eugênio Dantas Freire (UFRN)

[alandfreire@gmail.com](mailto:alandfreire@gmail.com)

Danielle Brito da Cunha (SEEC/SME)

[professoradanibrito@gmail.com](mailto:professoradanibrito@gmail.com)

Guianezza Saraiva Meira (UERN)

[guianeezasaraiva@uern.br](mailto:guianeezasaraiva@uern.br)

## RESUMO

A rapidez das informações e os constantes câmbios ideológicos, fruto das multimodalidades das redes, mostram a influência da cibercultura nas mídias televisivas e digitais, movendo-se sob e sobre as tensões identitárias, através de constantes arenas de diferentes vozes discursivas. Nesse sentido, esta comunicação tem como proposta contribuir na reflexão sobre as dinâmicas políticas da contemporaneidade, a partir das contribuições da teoria discursiva do Círculo de Bakhtin. Para tanto, visa-se promover a análise dos discursos, através do debate de questões políticas diversas, viabilizadas por páginas dispostas nas redes sociais digitais, plataformas de *streaming* ou mídias televisivas.

### Palavras-chave:

Discursos políticos. Relações de poder. Mídias televisivas e digitais.

## ABSTRACT

The speed of information and the constant ideological changes, resulting from the multimodalities of the networks, show the influence of cyberculture in television and digital media, moving under and over identity tensions, through constant arenas of different discursive voices. In this sense, this communication proposes to contribute to the reflection on the political dynamics of contemporaneity, based on the contributions of the discursive theory of the Bakhtin Circle. Therefore, the aim is to promote the analysis of discourses, through the debate of various political issues, made possible by pages displayed on digital social networks, streaming platforms or television media.

### Keywords:

Political speeches. Power relations. Television and digital media.

## 1. *Considerações iniciais*

Podemos dizer que, nos moldes do que Bauman (2000) nomeia como modernidade líquida, as fronteiras entre o público e o privado, o presencial e o virtual têm se esfumado cada vez mais, deixando à linguagem um papel crucial na (des)construção das identidades. As infor-

mações surgem, se cruzam e se dissolvem para dar lugar a novas, em uma rapidez imensurável, impulsionadas por constantes câmbios ideológicos, fruto das multimodalidades das redes. O pertencimento e o não-pertencimento se intercalam, se confundem e se mesclam dentro da quantidade de novos grupos sociais que despontam nesse múltiplo universo.

Mediante esse contexto, este artigo propõe uma reflexão sobre as dinâmicas políticas e sociais da contemporaneidade, através do debate de questões políticas diversas, viabilizadas por páginas dispostas nas redes sociais digitais, com foco no *Instagram*, de reportagens também veiculadas em mídias televisivas. Nos discursos escolhidos para compor o *corpus* deste artigo, interessa-nos verificar as mudanças socioculturais e tensões identitárias à guisa das contribuições do estudo das Ciências Humanas e da Linguagem, orientados por autores como: Bauman (2000), Moita Lopes (2013), Hall (2006), Moita Lopes (2013) Cunha (2020) e Bakhtin (2010), entretanto, focará, principalmente, nas noções de liquefação das identidades, sob a ótica da teoria discursiva do Círculo de Bakhtin.

Os resultados nos levam para o que podemos considerar como uma influência da cibercultura nas mídias televisivas e digitais, movendo-se sob e sobre as tensões identitárias, através de constantes arenas de diferentes vozes discursivas, conforme evidenciaremos nas análises deste texto. Ademais, o fluxo de intercâmbio de informações acelera os processos de solidificação e liquidificação dessas identidades.

## ***2. Análise sob a ótica do Círculo de Bakhtin: Algumas Noções Básicas***

Para entender o Círculo de Bakhtin, é preciso rememorar o que, entre 1919 a 1929, se formava como um grupo multidisciplinar de intelectuais que se reuniam. Estudiosos, filósofos, artistas que pensavam a linguagem sob uma nova perspectiva, unindo essas áreas, preambulando e dialogando entre elas. Dentre os nomes que compunham esse grupo, ou esse Círculo, estão: o filósofo Matvei I Kagan, o biólogo Ivan I Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudante de literatura Lev V. Pumpianiski. Entretanto, os três principais expoentes eram, sem dúvidas, o Professor Valentin N. Voloshinov, o filósofo da linguagem Mikhail M. Bakhtin e o também professor Pavel N. Medvedev.

Assim, analisar pelo viés dos postulados do Círculo Bakhtiniano é pensar em uma proposta teórico-analítica gerada, envolvida e direcionada ao diálogo. Nessa direção, não engessada em uma teoria limitadora, monofônica, pois, na filosofia do Círculo não cabe em uma única voz; pelo contrário, ela deve ser entendida como uma teoria/análise que nunca se fecha, não vem pronta e está longe de estar acabada.

Todavia, é válido lembrar que seu diálogo com diversas teorias, não implica em apagar os rastros dessas teorias, pois o diálogo pressupõe o respeito às peculiaridades de todas elas. Dessa forma, é preciso ficar atento a alguns conceitos empregados em uma análise dialógica, entre elas, respectivamente Signo e Enunciado.

Partindo dessa premissa, Bakhtin/Voloshinov afirmam que “o sentido da palavra é totalmente determinado pelo seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 59), ou seja, o signo é um elemento ideológico, fruto de constante interação, que embora neutro e sua origem como código, é orgânico e, assim, axiológico e semiótico, como propõe o próprio Bakhtin, o indicador mais sensível em toda e qualquer mudança social.

Na visão de Cunha (2020),

é, pois, a palavra transformada em enunciado concreto, vinda de sujeitos reais e únicos, que possibilita o surgimento das relações dialógicas, onde as vozes sócias, enquanto posicionamento valorado desses sujeitos, serão ouvidas. (CUNHA, 2020, p. 55)

Dessa forma, chegamos ao segundo conceito, o enunciado, o que Bakhtin aponta como “unidade da comunicação discursiva”. Para o filósofo da linguagem,

[...] todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso, cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetual. [...] [e o] que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. (BAKHTIN, 2003, p. 289) (grifo nosso)

Ora, se o signo é ideológico, o enunciado é a cadeia que alimenta, move e relaciona essa ideologia. Como nosso *corpus* mostrará, palavras como “democracia” ganham novas perspectivas e cores a depender de quem a utiliza e para que finalidade a utiliza, dentro de um determinado

enunciado. Isto é, “a forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social” (BAKHTIN, 1990, p. 71).

Se conceitos como Signo e Enunciado são primordiais em uma análise do Círculo, é preciso também atentar para duas premissas que estão implícitas nessas análises: a Não neutralidade e o Dialogismo. Isto é, o discurso, o dito sobre determinado objeto, é sempre “perturbado” e “tenso”, tecido dialogicamente pelos julgamentos, contribuições e interações complexas, “fundindo-se ou isolando-se” de outros discursos. Nessa direção, pensar em uma possível neutralidade, mesmo em gêneros discursivos como “notícias” ou “reportagens” seria no mínimo ingênuo.

Quando o enunciado é produzido ou lido pelo sujeito, os signos já não podem ser tidos como neutros, eles despontam como ferramenta da identidade frente à reflexão e à refração da realidade, como um movimento de diálogo de “eu-para-mim” e de “eu-para-outro”.

Acerca disso, Cunha (2020) explica que

[...] o diálogo é a desconstrução efetiva do monólogo, pois a própria consciência é responsiva, ela existe em diálogo com o outro. A linguagem é, dessa forma, o fio condutor na interação entre essas consciências. Seriam o diálogo e o enunciado, por esse caminho, dois termos complementares, visto que essa consciência aqui apresentada seria o próprio sujeito que se manifestaria no enunciado produzido, ora permitindo/provocando, ora recebendo respostas ao enunciado do outro. (CUNHA, 2020, p. 54)

A autora mostra como o diálogo é uma faceta importante e caminha em conjunto com o enunciado, não como mera resposta em níveis gramaticais, de réplicas às perguntas dirigidas ao sujeito, mas como uma camada muito mais profunda e dinâmica que, embora situada no tempo e espaço, não está nunca totalmente acabada, como veremos a seguir, nas análises.

É justamente pensando no enunciado situado, histórico e espacialmente, que o notamos como um campo que promove uma arena de vozes em que se dão os embates sociais. E, é nesse embate de vozes, que verificamos a luta e as relações de poder e a formação das Identidades.

Sendo, pois, a crise acunhada por Hall (2005), referente à descentralização do indivíduo e, portanto, a sua fragmentação, fruto dessa tensão e embate social. Assim como Bauman (2000), Hall (2005) também faz referência às estruturas em que nossa sociedade se instaura, a tensão é, dessa forma, também um processo de mudança que desestabiliza e desloca essas mesmas estruturas que são centrais nas sociedades.

Para Woodward,

[...] as mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. (WOODWARD, 2000, p. 25)

Isto é, as identidades modificam o mundo e são modificadas por ele em diferentes níveis e formas. Pensar em identidade é também pensar em práticas sociais. Nessa direção, entendemos que ambas cooperam e se unem, ora para se desfazer, ora para se reconstruir. No jogo de pertencimento, no qual os sujeitos se unem, ou se distanciam de outros, para assim poderem chegar à formação identitária, pensar o entorno e as forças externas que cooperam para essa formação, ou mesmo fragmentação é de suma importância.

Nessa direção, como veremos, neste artigo, o *corpus* é composto de textos extraídos de canais de notícias, entre eles, o canal “sensacionalista”, que expõe de maneira sátira uma releitura de notícias, principalmente políticas, no Brasil. Por utilizar a estrutura do gênero discursivo notícia, para os desavisados, poderia passar facilmente por mais um jornal corrente e que se exime da subjetividade. Entretanto, esse canal, em particular, tem por objetivo não a informação, mas a exposição de conteúdo humorístico, o que nos leva a outros dois conceitos caros ao Círculo de Bakhtin: noção de gênero discursivo (o gênero híbrido nesse caso) e a carnavalização.

Outro importante ponto quanto à utilização do riso para Bakhtin, é que ele atende a um impacto linguístico marcado cultural e historicamente, ou seja, mesmo sendo o riso um artifício universal, que estaria presente em toda e qualquer cultura, ele seria provocado pelo risível socialmente demarcado, uma vez que, para entender a mensagem passada pelo discurso, como o exemplo do jornal aqui analisado, em que o sujeito precisaria estar consciente da realidade político-social em que o Brasil se encontra, para, finalmente, provocar o riso.

Ainda nessa direção, vemos que, no Círculo de Bakhtin, a noção de gênero discursivo está atrelada a sua condição em serviço da sociedade, ou seja, eles são reconhecidos e estudados a partir do lugar de circulação, das esferas de atividade humanas. Em uma conjuntura política e social caótica em que o Brasil se encontra, a produção de piadas, por vezes se confunde com a própria realidade, ganhando a “roupagem” de notícias, formando um novo gênero, que nos conceitos do Círculo seria híbrido.

Nessa direção, a partir da ideia de que os gêneros são determinados a partir dos critérios das esferas de atividades humanas que vão elencar as características relativamente estáveis dos gêneros, podemos apontar não somente a notícia piada, presente nesse artigo, como também a escolha das imagens que acompanham essas notícias, uma vez que editadas, ganham também uma nova leitura, que nem é a imagem notícia, comum ao meio da imprensa, nem é necessariamente o “meme” gênero relativamente novo.

Sendo assim, em uma sociedade cujas fronteiras entre o real e o virtual, o ridículo real e aquele produzido para provocar humor estão cada vez mais diluídos, e gêneros híbridos como os produzidos pelo “Sensacionalista” tem se multiplicado.

Para Maia (2006), as mídias ocupam um lugar importante nesse processo, pois, esses espaços por vezes servem como “palco”, “arena”, “fórum” de disputas políticas e de negociação de sentidos e a negociação desses sentidos, essa negociação é feita por meio da linguagem, como já mencionava Bakhtin/Voloshinov (2002) ao tratar da ideologia e as relações interindividuais. O processo de (des)(re)construção identitária está intimamente sujeito a essas “arenas”.

Com efeito, o mundo virtual é um ótimo espaço para o que Bakhtin e seu Círculo chamam de “carnavalização”, visto que, por ser relativamente aberto a todos e, até certo ponto, livre das coerções sociais, os indivíduos se sentem livres para expor o que convencionalmente estariam constrangidos ou inibidos de falar, principalmente aqueles que se escondem em perfis “fakes”.

Dessa forma, nesses enunciados de caráter híbrido, veiculados nas redes sociais, podemos encontrar o riso em suas diferentes formas de manifestação: paródia, humor, ironia etc. No caso das notícias do “Sensacionalista”, o riso tem um caráter ambivalente que se zomba para renovar, enquanto também procura a ridicularização (para Bakhtin o riso ritual procura ridicularizar as autoridades, como por exemplo, as atitudes dos soldados romanos frente ao imperador durante o Triunfo), mas além das notícias piadas, também encontramos o riso, nos comentários feitos pelos internautas nas referidas postagens, o que podem ser tanto “atitudes responsivas”, uma reação ao discurso que pode ser verbal ou não, ou, ainda, uma “compreensão ativa responsiva”, em que o efeito do discurso vem de maneira mais lenta.

### 3. *Análise Sob a ótica de Bakhtin: Discurso, mídia e poder na rede, uma trajetória de pertencimento identitário*

Como veremos abaixo, o discurso projetado pelas mídias, principalmente, aqueles lançados na rede, por terem a possibilidade de resposta instantânea de seus seguidores, também são uma cadeia de relações de poder, ou “arenas sociais” em que as identidades colidem. Dessa forma, estudar esses discursos nos permite verificar a (des)(re)construção das identidades, sua trajetória de pertencimento e a “atitude responsiva”, ou “compreensão ativa responsiva” aos discursos de outrem.

Nessa primeira postagem abaixo, verificamos o processo de carnavalização apresentado por Bakhtin, em que se estabelece a inversão, ou a dessacralização do poder daquilo que seria sério ou oficial.

Postagem 1:

**Sensacionalista**

**Brasil tem tanques, ameaça à eleição e ao judiciário, e Congresso discute se, talvez, quem sabe, pode ser, veja bem, a democracia está em risco**



 jornalsensacionalista



Fonte: @jornalsensacionalista no Instagram.

Não se trata de deslegitimar os poderes, ou simplesmente “brincar com coisa séria”, mas um caminho para uma “libertação transitória”, a ridicularização da situação traz a libertação das amarras do medo.

Com efeito, a situação de ter tanques nas ruas de um país que sofreu durante anos sob a ditadura militar, ao mesmo tempo em que o atual presidente (ex militar) discursa sobre a possibilidade de não haver eleições e ameaças a representantes do judiciário, ao mesmo tempo em que o Congresso se omite sobre tal situação, poderia gerar apenas uma notícia como a que vemos nas postagens 2 e 3, mais adiante. No entanto, é preciso pontuar o diálogo entre as três postagens, uma vez que a “notícia pia-

da” é gerada a partir das notícias reais, ou seja, a primeira é uma resposta as duas outras, em uma profunda relação dialógica.

Entretanto, é preciso pontuar que a notícia piada, como um gênero híbrido, não tem a obrigação de narrar objetivamente os fatos, ela nasce da necessidade de libertação, de exposição do ridículo, é a vivência da “cosmovisão carnavalesca” de transpor a linguagem do lugar familiar, dos encontros dos amigos, da praça pública, para o que seria oficial, é a quebra das relações hierárquicas, para dar conta da “crise identitária”. O diálogo entre as três postagens não implica necessariamente uma concordância.

### Postagem 2:



Fonte: @cnbrasil no Instagram.

### Postagem 3:



Fonte: @cnbrasil no Instagram.

Nas postagens 2 e 3, por serem o gênero secundário “notícia” cujas estruturas formais e fixas já estão consolidadas socialmente, a linguagem ganha caráter oficial e há a tentativa de objetividade ao narrar os fatos. As notícias veiculadas primeiramente na mídia televisiva e, posteriormente, reproduzidas na rede social do jornal (CNN Brasil) mostra a ameaça, em forma de pedido de impeachment, feita pelo presidente Jair Bolsonaro ao poder judiciário, na figura do Ministro Alexandre de Mora-



es (postagem 2), assim como o apoio de Alguns governadores solidários ao Ministro Alexandre de Moraes (postagem 3).

Ainda que tenha um caráter mais sério e objetivo, fruto do gênero, ainda podemos notar, através das escolhas lexicais o posicionamento do jornal, através de seus títulos. Na postagem 3, por exemplo, o título que se encontra em fonte maior, com destaque, centralizado e posicionado em frente a imagem da estátua representando a justiça diz “Governadores divulgam nota em apoio ao Supremo Tribunal Federal”, o que poderia criar uma falsa impressão de que todos os governadores do país estariam apoiando todos os ministros do Supremo Tribunal Federal.

Entretanto, ao ler a notícia com cuidado, verificamos que dos vinte e sete estados, apenas treze governadores participaram da construção da nota. Outro fator interessante é não foram todos os Ministros que sofreram ataques diretos do presidente, mas ao colocar a instituição como título, temos uma ameaça ainda mais substancial e perigosa à democracia.

Postagem 4:



Fonte: @quebrandotabu no Instagram.

Postagem 5:



Fonte: @jornalsensacionalista no Instagram.

Assim como podemos verificar o diálogo entre as postagens 1, 2 e 3, é também possível notar o diálogo entre as postagens 4 e 5. No entanto, o diálogo não está apenas entre as duas notícias. Se na postagem 5 vemos nitidamente a presença da notícia sobre os canais suspensos de monetização descritos na postagem 4, também podemos notar outras notícias que dialogam entre si, como é o caso do pedido feito pelo presidente de que as eleições de 2022 fossem através do voto impresso.

Além da notícia piada (postagem 5) trazer em um único enunciado diferentes acontecimentos noticiados pela mídia, ela também faz uso da imagem como uma legitimadora de seu discurso, assim como a notícia veiculada na rede do jornal Estadão (postagem 4). Contudo, diferente da notícia apresentada na postagem 4, a notícia piada, não se obriga a trazer uma imagem que esteja cronologicamente ligada ao acontecimento que pretende expor.

A imagem reproduzida pelo jornal Sensacionalista, na postagem 5, também reflete o riso carnavalesco apresentado por Bakhtin, quando a composição mostra o sujeito alvo da notícia (Allan dos Santos), vestido com a camisa oficial da CBF (Confederação Brasileira de futebol- Federação desportiva), símbolo utilizados pelos apoiadores do presidente Bolsonaro, segurando uma folha de papel impressa, diante de um microfone. A sátira é uma resposta evidente ao pedido do presidente e seus apoiadores, mostrando, claramente o posicionamento dos que compõem o jornal “Sensacionalista”, isto é, o pertencimento ao grupo contrário ao do presidente, pois ridiculariza, através da inviabilidade de se fazer vídeos impressos, a possibilidade de uma eleição por meio de votos impressos.

Postagem 6:




Fonte: @cnbrasil no Instagram.

Comentários abaixo reproduzidos:

C1:

A roubalheira tá garantida

C2:

Curta aqui se você não apoia o governo Bolsonaro 

Por fim, chegamos à última postagem (postagem 6) em que destacamos dois comentários feitos a partir da leitura da notícia apresentada pelo jornal.

É possível verificar tanto “atitudes responsivas” não verbais, através da quantidade de curtidas e de não-curtidas que a postagem recebeu, como também de “compreensão ativa responsiva”, nos comentários. Em ambos os casos, podemos perceber o jogo de pertencimento e de formação dessas identidades.

No primeiro comentário destacado (C1), o sujeito está, em seu enunciado, se posicionando contra a medida aprovada em Senado, para esse sujeito, essa medida está vinculada ao roubo. Assim, o outro, aquele que se posiciona favorável à medida, ou quem a conduziu, ou mesmo quem a aprovou é, portanto, associado imediatamente ao grupo dos ladrões, grupo com o qual, o sujeito não se identifica e precisa se diferenciar deste através da linguagem, dando conta da sua crise identitária.

Já em C2, o sujeito não apenas se identifica com o grupo que apoia a medida, a conduz ou a aprova, como também vê a necessidade se posicionar como quem “não apoia o governo Bolsonaro”. Seu pertencimento ao grupo que não apoia o governo lhe coloca imediatamente contra o grupo daqueles que apoiam o governo. Não obstante, ele ainda tenta produzir um engajamento de outros sujeitos a essa ideia, através da particularidade que acompanha esse tipo de mídia, ou rede social, que é o botão de “curtir”.

Nessa direção, embora a palavra em si possa ser neutra, a partir do momento que ela é utilizada pelo falante, passa a ter uma carga ideológica, não existindo, portanto, uma possibilidade de neutralidade, ou “inocência” para o sujeito. Cada escolha lexical, cada imagem, cada tanto de “atitudes responsivas” ou “compreensão ativa responsiva” gerada ou

geradora da crise identitária, se desdobra na arena de vozes para dar conta ou impulsionar a fragmentação identitária do sujeito, e essa arena social acontece pela, na e com a linguagem, no enunciado, o “elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003. p. 289).

#### 4. *Algumas considerações finais*

Ao verificarmos a conjuntura político-social atual do Brasil, é perceptível que conceitos como “democracia”, “reportagem”, ou mesmo o que seria o “humor” tem passado por revoluções sociais. Diante das mudanças socioculturais, aqui descritas, é possível inferir que o humor nas postagens de plataformas como o “Sensacionalistas”, bem como as notícias apresentadas em canais de prestígio como “O Estado” ou a “CNN Brasil”, nos levam a crer que conceitos antes instituídos e vistos como sólidos, também passam por uma liquefação.

Os resultados indicam, assim, que, na modernidade líquida, a carnavalização ainda é um ritual, como aponta Bakhtin, para aliviar as tensões identitárias, principalmente, levando em consideração a tensão produzida pela polarização política em que o país está mergulhado.

Por fim, é importante lembrar a inacabada tarefa de todo e qualquer pesquisador, em vista da não estanque fonte. Assim, intencionamos desenvolver trabalhos futuros que contemplem as mudanças políticas e sociais e seus impactos nas identidades e relações de pertencimento proporcionados pelos discursos veiculados nas redes sociais e em mídias televisivas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. VOLOCHINOV, V. N. Le discours dans l'avie et le discours dans la poésie. Contribution à une poétique sociologique. In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 1981. p. 181-215 (Original russo, 1926)

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do Romanço*. Trad. de Aurora Fornoni e equipe. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio: Forense Universitária, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

\_\_\_\_\_. Dialogismo. In: RENFREW, A. *Mikhail Bakhtin*. Trad. de Marcos Marcionilo]. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2017. p. 101-20

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CUNHA, Danielle Brito da. *Penso e (re)posto, logo existo: Uma Análise Dialógica das Identidades através do Signo #Enemfeminista*. Tese (Doutorado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2020. 203f.

\_\_\_\_\_. *Análise crítica da (des)(re)construção identitária em produções de narrativas de mulheres vítimas de violência de gênero*. Dissertação (Mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015. 151f.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro]. Rio de Janeiro: DP e A, 2005.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAIA, R. Mídia e Vida Pública: Modos de abordagem. In.: MAIA, R.; CASTRO, M. P. C. S. (Org). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 11-46

MOITA LOPES, L. P. da. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOI-

TA LOPES, L. P. da. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

\_\_\_\_\_. Identidades Fragmentadas. In: MOITA LOPES, L. P. da. *A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.